

# CARNAVALESCO DA MODA

Chamado este ano para ser figurinista da escola de samba Porto da Pedra, no Rio de Janeiro, o estilista baiano Fábio Sande comemora a valorização do seu trabalho pela folia carioca e se arrisca a dizer: “O Carnaval de Salvador é feio”

por CAROLINA COELHO

FOTO: Rômulo Portela

**“Em nenhuma época do ano há um respeito pelos estilistas daqui. Conheço excelentes profissionais que deixaram de trabalhar porque não eram bem remunerados. A moda da Bahia está acabando”**

Em um visual despojado, vestindo short jeans rasgado e chinelo de dedo, Fábio Sande nos recebe em um dos seus ateliês personalizados com decoração toda em preto e branco, enquanto seu motorista o espera para levá-lo a uma hora marcada no salão. Quem acompanha as novidades do mundo da moda sabe que Fábio é uma figura marcada nos eventos fashions da capital baiana, além de ser o queridinho das noivas, misses, debutantes e formandas – e também das mães, irmãs e avós, coestrelas das festas – que depositam no estilista o sonho de estarem perfeitas no dia mais importante de suas vidas.

Apesar de ter um tino afinado para embelezar mulheres, a paixão do estilista está mesmo é no Carnaval. Desde dezembro de 2012, Fábio está entre idas e vindas entre o Rio de Janeiro e Salvador, depois que foi convidado pelo carnavalesco Leandro Valente para confeccionar alguns dos figurinos da escola de samba carioca Porto da Pedra. As fantasias da musa da escola, do casal porta-bandeira e mestre-sala foram confeccionadas por Fábio aqui na Bahia e levadas para o Rio de Janeiro. Lá, o estilista ainda participou da composição dos carros alegóricos, arranjando os minuciosos detalhes que fazem do Carnaval carioca a festa do luxo e da beleza.

Aos 39 anos e com a experiência de uma vida regada a muita moda e Carnaval, Fábio é enfático ao dizer: “O Carnaval de Salvador é muito feio, tudo é entupido de propagandas e ninguém se preocupa em deixar os trios bonitos”. Sem um cuidado especial com o patrimônio carnavalesco baiano, o estilista chama a atenção para as filmagens feitas pelas emissoras de televisão, que só mostram os trios e seus cantores e não o carnaval da pipoca. “Ninguém quer ver os ambulantes dormindo nas sarjetas, as caixas de isopor e a sujeira deixada no chão”, opina. E continua: “Os organizadores daqui ainda não entenderam que é preciso vender o belo. A escola de samba é o que é porque é uma coisa linda de se ver”, argumenta ele.

FOTO: Divulgação



Convidada para ser musa do Galagay Bahia, Monique Evans veste e usa adereços produzidos por Fábio Sande

FOTO: Alexandre Macieira/RIOTUR



Casal de mestre-sala e porta-bandeira da escola de samba Porto da Pedra com fantasias confeccionadas pelo estilista





*Com vestidos únicos e personalizados, Fábio não faz aluguel de roupas, mas mantém um ateliê com alguns modelos para exposição*



*Um dos vestidos de noiva produzidos pelo estilista para sua coleção de fim de ano*

No Carnaval do axé, Fábio já participa há 14 anos montando a decoração de alguns camarotes e confeccionando o figurino de cantoras baianas, como Emanuelle Araújo, Aline Rosa, Carla Cristina, Gilmelândia, Simone Sampaio e Viviane Tripodi. Mesmo as estrelas desfilando com seus vestidos em cima dos trios, o estilista afirma que não há uma valorização do trabalho dele por aqui. “É só as pessoas fazerem mais sucesso para começar a procurar profissionais de fora”, diz. Ele afirma que não há ressentimento, mas que esse comportamento desestimula o mercado de moda baiano. “Em nenhuma época do ano há um respeito pelos estilistas daqui. Conheço excelentes profissionais que deixaram de trabalhar porque não eram bem remunerados”.

Por isso, o estilista lamenta não ter um concorrente no mesmo nível profissional que o seu, e afirma: “A moda da Bahia está acabando”. Sem o incentivo do mercado, que não absorve os novos estilistas e com a mão de obra custando muito caro para quem está começando, ele não vê um horizonte favorável para a produção da moda baiana. Mas ele conta que nem sempre foi assim. Ainda pequeno, podia acompanhar o trabalho dos estilistas baianos Di Paula, Ney Galvão e Júlio César Habbib, que despertavam nele admiração e identificação.

Quando o Carnaval acaba, Fábio investe sua produção nos vestidos e acessórios de festa, que custam entre R\$3 mil e R\$15 mil, dependendo dos materiais usados. Todos os tecidos e os cristais diferenciados, ele traz do Rio de Janeiro. “Não encontro nada para vender aqui, então preciso trazer de fora. Não vou a São Paulo porque todo o mundo tem o que vende lá. No Rio ainda encontro coisas distintas”, revela. Trabalhando há dez anos com uma equipe formada por costureiras, bordadeiras, adrecista, secretária e motorista, ele consegue confeccionar cerca de 180 vestidos de festa por ano e ainda fazer o lançamento de uma nova coleção em dezembro.

Agora, de volta à Bahia depois de três meses de intenso trabalho, Fábio retorna aos atendimentos às suas clientes, que esperavam ansiosamente pelo seu retorno. Ao ser perguntado sobre a possibilidade de deixar tudo aqui e ir morar no Rio de Janeiro, ele pensa e responde: “No Rio de Janeiro, eu sou apenas mais um, aqui já tenho meu público”. **[B\*]**